FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Dançam as Palavras: a poesia que ganha corpo, movimento e memória

Por Bob Sousa[1]

A intervenção artística Dançam as Palavras, do Núcleo Experimental de Dança Teatro de São José dos Campos, apresentada no Cine Santana durante a 40ª edição do FestiVale, estabelece um encontro entre poesia, música, dança-teatro e performance, no qual a palavra abandona sua condição exclusivamente oral para ganhar materialidade nos corpos e no espaço cênico. Inspirada na trajetória do Poeta Moraes, que há mais de quatro décadas leva sua poesia às ruas, praças e espaços culturais, a criação encontra na relação entre palavra e movimento seu principal campo de investigação. A orientação artística e a direção de Marie Bueno merecem destaque pela maneira como articulam essas diferentes linguagens, construindo uma experiência em que a poesia não aparece como simples acompanhamento da dança, tampouco o movimento como ilustração dos versos. O que se estabelece é uma relação de reciprocidade, na qual os corpos parecem escrever no espaço, transformando palavras em gestos, deslocamentos e imagens.

A direção encontra na transposição da linguagem poética para a expressão corporal uma interessante possibilidade de construção dramatúrgica. Os intérpretes-criadores Carolina Pereira e Luiz Felipe Brito assumem seus corpos como suportes de uma escrita que se manifesta por meio das posturas, dos gestos e das relações estabelecidas em cena. A palavra ganha dimensão física, enquanto o movimento amplia seus sentidos, criando uma narrativa visual que não depende exclusivamente da compreensão literal dos poemas. Há uma investigação sobre aquilo que a poesia pode provocar quando deixa de ser apenas escutada e passa a ser percebida também pelo olhar. Nesse processo, a música ao vivo de Almir Luz e Miriam de Luca acrescenta uma camada fundamental à composição, estabelecendo relações entre sonoridade, ritmo, oralidade e movimento. A música não se

[1]**Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp (com orientação da Profª Drª Simone Carleto Fontes), onde também obteve o título de mestre em Artes (com orientação do Profº Drº Alexandre Mate). É jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes – e de Artes Visuais do Prêmio Arcanjo de Cultura. Autor do livro Retratos do teatro (Editora Unesp).**

limita a acompanhar os corpos, mas participa da construção de uma atmosfera sensível, na qual diferentes manifestações artísticas encontram pontos de contato.

A homenagem ao Poeta Moraes ganha uma dimensão especialmente significativa quando se conhece também sua trajetória como educador. Professor de História, ele tem o hábito de iniciar suas aulas com uma poesia, gesto que revela uma compreensão sensível do conhecimento, na qual a imaginação, a memória e a palavra poética também são caminhos para interpretar o mundo. Dançam as Palavras transforma esse princípio em matéria de criação artística. A poesia que durante tantos anos abriu suas aulas agora ganha outros corpos, outras vozes e movimentos, numa celebração da palavra como instrumento de formação, resistência e encontro. A direção de Marie Bueno parece encontrar justamente nessa dimensão humana e pedagógica o eixo afetivo da intervenção, fazendo da homenagem não apenas o reconhecimento de um poeta, mas também a celebração de um educador que fez da poesia uma maneira de ensinar a olhar e de estar na vida.

Essa dimensão afetiva atravessa a construção da visualidade, que encontra sua força menos na grandiosidade dos elementos cênicos e mais na capacidade expressiva dos intérpretes. A presença dos corpos, a musicalidade e a circulação dos versos constituem os principais elementos de uma composição que transforma o espaço em território de compartilhamento. A poesia deixa de pertencer exclusivamente ao seu autor para ser apropriada coletivamente, encontrando novas possibilidades de existência na relação entre os artistas e o público. A produção de Roberval Rodolfo integra esse trabalho coletivo, que reafirma a natureza colaborativa da intervenção e sua vocação para aproximar arte e vida.

“Enquanto os vasos sanitários são os heróis deste mundo caduco, eu, grande filho do absurdo, escarro poesia aos ouvidos dos surdos.”

Há nessa escrita, no cartaz exposto na entrada do teatro, uma combinação de ironia, inconformismo e resistência que dialoga diretamente com a natureza da intervenção artística. A escolha de objetos cotidianos e prosaicos como protagonistas de um mundo em decadência desloca a percepção do ordinário e transforma o absurdo em matéria poética. A imagem dos vasos sanitários, associada à contundência dos versos, rompe com qualquer idealização da poesia como expressão exclusivamente delicada ou contemplativa. Ao

contrário, Moraes reivindica uma poesia que incomoda, provoca e insiste em se fazer ouvir, mesmo diante da surdez simbólica de uma sociedade que nem sempre está disposta a escutar.

É justamente nessa irreverência que a intervenção encontra uma de suas possibilidades mais potentes de criação. Ao fazer dançar as palavras, a direção de Marie Bueno parece reconhecer que a poesia não precisa ser domesticada pelo movimento, mas pode ganhar corpo em sua força crítica, contraditória e transgressora. A passagem do verso para o gesto amplia a provocação do poeta, fazendo da palavra uma presença física que ocupa o espaço e convoca o espectador. Existe, portanto, uma correspondência poética entre o que Moraes escreve e aquilo que os artistas realizam: se o poeta escarra poesia aos ouvidos dos surdos, os intérpretes transformam essa poesia em movimento, numa espécie de insubordinação dos corpos diante da indiferença. A poesia não pede licença para existir, ela invade, provoca e dança.